

## O PENSAMENTO À DERIVA: O FRAGMENTO LITERÁRIO NO PRIMEIRO ROMANTISMO ALEMÃO

### THOUGHT ADRIFT: THE LITERARY FRAGMENT IN THE FIRST GERMAN ROMANTICISM

Natália Gonçalves de Souza Santos<sup>1</sup>

nataliasantosgs@gmail.com

Fruto de sua tese de doutorado em Estudos Literários pela UNESP/campus Araraquara, o livro do professor e crítico Márcio Scheel, *Poética do romantismo: Novalis e o fragmento literário*, traz uma discussão profícua acerca do cultivo da forma literária fragmento pelos escritores do primeiro Romantismo alemão, com ênfase na obra de Novalis.

Scheel aponta a geração dos irmãos Schlegel, de Novalis e Tieck entre outros, o *Frühromantik*, como um momento privilegiado para a reflexão sobre o produto estético, no qual, pela primeira vez, as instâncias da criação literária, da crítica e da filosofia, antes desvinculadas pela tradição clássica, se aproximaram no âmbito do fragmento literário e da crítica criativa.

A ênfase nessa nova concepção de arte, embasada pela reflexão em detrimento de conceitos judicativos preestabelecidos pela herança literária, gerou escritos mais voltados à teoria e à crítica, cuja preocupação era o estudo e o aprimoramento dessa nova concepção, do que à produção poética propriamente dita. O autor observa que foi por meio de um curso sobre literatura europeia proferido por Friedrich Schlegel entre 1803 e 1804, na França, que a expressão “teoria da literatura” (2010, p. 13) surgiu, sendo, a partir daí, popularizada.

Das brilhantes personalidades que conviveram no círculo de Jena, Márcio Scheel destaca a de Novalis, nome literário adotado por Georg Friedrich Philipp von Hardenberg (1772 – 1801), dono de “uma inteligência titânica”, conforme o título do primeiro capítulo do livro. O homem comedido e simples, que passou os últimos anos de sua vida como engenheiro de minas, contrasta com o impacto que deixou sua obra. Some-se a isso sua morte prematura e as leituras críticas deformadoras que seguiram a ela, inclusive partindo de seus próprios amigos, como Tieck, cujos testemunhos ressumbram ainda o calor da perda, e tem-se uma profunda aura mistificadora, um mito.

Tal mito corresponde à atmosfera despertada pela obra do criador da flor azul, objeto de busca do romance medieval *Heinrich von Ofterdingen* (1800) e que se converte num

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada/USP e bolsista FAPESP. São Carlos/SP.

símbolo do eterno anseio romântico pelo Absoluto e pelo indizível. Os *Hinos à noite* (*Hymnen na die Nacht*), seis poemas publicados em 1800 na revista *Athenaeum*, remetem à noiva do poeta, Sophie, cuja morte também foi prematura e a tornam uma “espécie de figura mítico-religiosa, em ideal místico” (2010, p. 28) e podem ser colocados entre os poemas mais importantes do romantismo na Alemanha, inaugurando a temática da noite naquele país. Mas foi com a coletânea de fragmentos *Pólen*, publicada conjuntamente com Friedrich Schlegel, que Novalis se firma “no exercício da teoria, da crítica literária e da filosofia” (2010, p. 29).

### **O fragmento literário e suas origens**

Já pelo nome da coletânea, *Pólen*, se pode notar o ambiente de germinação intelectual experienciado em Jena. O convívio com membros do classicismo de Weimar, que se desenvolveu paralelamente ao movimento romântico, potencializou ainda mais uma crítica literária promissora devido à intersecção de ideais clássicos e românticos. A releitura da tradição clássica e a ancoragem que ela propicia à formulação do fragmento literário é uma discussão da qual Scheel não se furta em seu livro, apontando as origens do fragmento, em parte, na cultura grega e, em parte, em pensadores franceses do século XVII.

De acordo com Fr. Schlegel, a totalidade em que se configuraram as obras gregas se tornou terminantemente inacessível na modernidade, que é caracterizada pelo estilhaçamento, da mesma forma que o que restou daquelas obras são apenas fragmentos da antiga totalidade. É a admiração por essa plenitude perdida e o acentuado senso histórico romântico que contribuem para uma obra já de início fragmentada.

Por outro lado, há semelhança entre o fragmento romântico e a forma de escrita encontrada nos moralistas franceses, pois estes se valiam do aforismo, da máxima ou do pensamento. Essas formas breves, autônomas se antepõem aos longos tratados, divulgados desde a Idade Média até o século XVIII aproximadamente e revelam a impossibilidade da referida completude. Além disso, os escritores do século XVII francês como, por exemplo, Montaigne, utilizam o paradoxo, o oxímoro e/ou a ironia, formas de expressão que também serão muito empregadas pelos integrantes do círculo de Jena, embora reformuladas.

Essa última será, como é sabido, um dos principais mecanismos de reflexão romântica. O seu emprego no fragmento proporciona o questionamento das formas fixas, à medida que coloca todas as afirmações antes tidas como certas à deriva, numa tentativa de colocar o eu romântico fora dos condicionamentos do mundo e, especialmente, dos padrões de vida burgueses, um dos grandes pontos de contestamento de parte dos escritores que vivenciaram a

irrupção revolucionária francesa e os seus desdobramentos, nem sempre em acordo com os pressupostos iniciais.

Para Novalis, de acordo com o fragmento 36 das “Observações Entremescladas” da *Pólen*, “O que Schlegel tão rigorosamente caracteriza como ironia não é, segundo meu parecer, nada outro – senão a consequência, o caráter da genuína clareza de consciência – da verdadeira presença de espírito.” (apud SCHEEL, 2010, p. 61)

Márcio Scheel relaciona esse desejo de liberdade da consciência em relação ao mundo material à retomada do ideal platônico, mais um dos recursos da tradição que seriam relidos pelos primeiros românticos alemães. Nessa perspectiva, o universo com o qual nos relacionados é corrompido e corruptor, só restando ao indivíduo a evasão a esferas transcendentais ou o caminho da arte, uma forma de chegar a tais esferas.

### ***A crítica criativa***

Nos dois últimos capítulos do livro, “Os caminhos da *poiesis*: a condenação platônica” e “A poesia universal progressiva: uma poética e uma crítica em devir”, o autor concentra-se no tipo de crítica literária que é possibilitada pelo fragmento, uma vez que ele se investe da linguagem poética, a *poiesis*. O compartilhamento da linguagem fundante da poesia na crítica literária e a sua aproximação com a reflexão filosófica e a teoria permitem, a partir dos múltiplos sentidos gerados pela linguagem da poesia, o desvelamento da própria obra criticada, a sua complementação e não apenas um comentário judicativo.

Scheel relembra que a poesia era, a princípio, a linguagem reveladora e que propunha a hermenêutica do mundo. Dessa forma, o uso de uma linguagem permeada pelos recursos poéticos na crítica só pode potencializar o entendimento da obra e a apropriação que o verdadeiro crítico estabelece em relação a ela. Como diz Novalis, no fragmento 29 das “Observações entremescladas”, “somente mostro que entendi um escritor quando sou capaz de agir dentro de seu espírito, quando sou capaz de, sem estreitar sua individualidade, traduzi-lo e alterá-lo multiplamente” (apud SCHEEL, 2010, p. 113). O crítico seria, assim, um leitor amplificado.

Novalis questiona, contudo, no fragmento 168 de “Fragmentos I e II”, “pode a letra apropriar o espírito e vice-versa?” (apud SCHEEL, 2010, p. 101) E uma possível resposta residiria no fragmento 35 de “Poesia”, no qual o autor afirma que “quem não é capaz de fazer um poema, também só o julgará negativamente. A genuína crítica requer aptidão de produzir por si mesmo o produto a ser criticado. O gosto por si só julga apenas negativamente” (apud SCHEEL, 2010, p. 34).

Por isso, Scheel explica que a crítica criadora, ao abrir-se para a *poiesis*, é construída a partir de todo o repertório verbal da criação poética e, especialmente, de metáforas e metonímias, os dois principais tropos da poética. A metáfora gera uma multiplicidade incessante de significados, de combinações, cujos deciframentos ficam a cargo do leitor, que deve colocar-se em posição reflexiva. Já a metonímia estabeleceria relações sutis de contiguidade entre diferentes fragmentos, demonstrando que o projeto romântico busca, paradoxalmente, a totalidade através do fragmentário.

Por fim, o autor de *Poética do Romantismo* se contrapõe às opiniões de outros estudiosos, caso de René Wellek, que associaram a crítica criativa do *Frühromantik* à crítica impressionista, que atingiu grande escala em fins do século XIX e meados do XX. Para Scheel,

[...] a crítica de Schlegel, na qual supostamente “se confundem definições ou aproximações abstratas com passagens impressionistas e até mesmo líricas”, não pode ser tomada, em hipótese alguma, como ponto de partida do qual se originaria a crítica impressionista. Partilhar da capacidade verbal-criadora do poeta, buscar a linguagem primeira, a *poiesis* original, desautomatizar os sentidos e pensar uma crítica futura, que se constrói progressivamente como a própria arte, e fazer dessa mesma crítica o lugar de confluência entre análise, reflexão, interpretação, estudo fundamentado e criação estética é muito diferente de incorrer no engano retórico da crítica impressionista. (2010, p. 147)

O livro de Márcio Scheel apresenta, assim, uma visão geral do movimento ao qual pertenceu Novalis, centrando-se em sua produção intelectual, a partir dos fragmentos e explorando as dimensões da crítica criativa, tanto internamente quanto em relação às apreciações posteriores que ela suscitou. A *Poética do Romantismo: Novalis e o fragmento literário* é leitura proveitosa para os que já conhecem o universo do *Frühromantik*, e para aqueles que querem iniciar-se nele.

## Referências

SCHEEL, Márcio. *Poética do romantismo: Novalis e o fragmento literário*. São Paulo: UNESP, 2010. 167p.